



Camões e os contemporâneos

Organizadores

Maria do Céu Fraga

José Cândido de Oliveira Martins

João Amadeu Carvalho da Silva

Maria Madalena Teixeira da Silva

Manuel Ferro

Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos
Universidade dos Açores
Universidade Católica Portuguesa

Camões e os contemporâneos

Organizadores

Maria do Céu Fraga
José Cândido de Oliveira Martins
João Amadeu Carvalho da Silva
Maria Madalena Teixeira da Silva
Manuel Ferro

Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos
Universidade dos Açores
Universidade Católica Portuguesa

BRAGA 2012

Este trabalho é financiado por Fundos FEDER através do Programa Operacional Fatores de Competitividade – COMPETE e por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projeto PEST-C/ELT/UI0150/2011 (Ref.º COMPETE FCOMP-01-0124-FEDER-022684).

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR



Ficha técnica

Título: **Camões e os contemporâneos**

Organizadores: Maria do Céu Fraga · José Cândido de Oliveira Martins · João Amadeu Carvalho da Silva
Maria Madalena Teixeira da Silva · Manuel Ferro

Edição: Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos (CIEC)
Universidade dos Açores / DLLM
Universidade Católica Portuguesa / CEFH

Tiragem: 600 exemplares
dezembro 2012

Design da capa: Ana Amaral e Mário Fernandes

Execução gráfica: Gráficamares, Lda.
R. Parque Industrial Monte Rabadas, 10
4720-608 Prozelos - Amares

Depósito Legal: 353162/12

ISBN: 978-989-9892-3-9



ÍNDICE GERAL

APRESENTAÇÃO.....	13
-------------------	----

I

O estado da arte

Para a revisão do conceito de Maneirismo VÍTOR AGUIAR E SILVA	19
O ensino de Camões. Aproximações a um problema maior JOSÉ AUGUSTO CARDOSO BERNARDES	35
Os dois Adamastores: diversidade e complexidade na epopeia camoniana THOMAS F. EARLE	51
<i>Os Lusíadas</i> à luz da teorização da epopeia nos tratados latinos do <i>Cinquecento</i> ARNALDO DO ESPÍRITO SANTO	63
Vasco da Gama, a figura histórica e a personagem d' <i>Os Lusíadas</i> GIULIA LANCIANI	75
Fernão Álvares do Oriente e Camões: o romance irresistível MARIA VITALINA LEAL DE MATOS	81
Aspetos da receção de Camões: do Neoclassicismo aos alvares do Romantismo OFÉLIA PAIVA MONTEIRO	95
<i>Os Lusíadas</i> para gente nova VASCO GRAÇA MOURA	111
Camões e a espiritualidade do seu tempo JOSÉ CARLOS SEABRA PEREIRA	117
A memória da alma BARBARA SPAGGIARI	155

II

Camões e os seus contemporâneos

“Um solitário andar por entre a gente”: Camões visto por comentadores dos séculos XVI e XVII ISABEL ALMEIDA	171
Canto Nono HÉLIO J. S. ALVES	183
Pastoras e pastores: a subversão camoniana da Arcádia de Virgílio CARLOS ASCENSO ANDRÉ	195
Reflections on the Empire in the work of Diogo de Teive CATARINA BARCELÓ FOUTO	207
<i>Hospital das Letras</i> de D. Francisco Manuel de Melo: o olhar <i>avisado</i> de um cortesão discreto sobre “modernos” e “antigos” MARIA JOÃO MOTA E SILVA DE FIGUEIREDO BETTENCOURT	219
Camões e Pedro da Costa Perestrelo: aspetos da inspiração bíblica no Maneirismo português MARIA BOCHICCHIO	233
<i>Os Lusíadas</i> de Camões: o seu significado e receção crítica na <i>Arte Poética</i> de António de Ataíde (1564-1647) ADRIANO MILHO CORDEIRO	241
O Camões do <i>Estado Novo</i> : receção e ensino CARLOS M. F. DA CUNHA	253
Camões en el canon de la literatura española XOSÉ MANUEL DASILVA	259
Representações do Portugal de finais de Quinhentos, nos textos de Soropita MARIA LUÍSA DO C. LINHARES DE DEUS	277
A receção d’ <i>Os Lusíadas</i> em França no século XIX: análise do paratexto da autoria dos tradutores, nas traduções de Millié e de Ragon DOMINIQUE FARIA	287
<i>Ilustre senhor meu</i> : a épica nas dedicatórias das élogos de Diogo Bernardes, Camões e os seus contemporâneos ANA FILIPA GOMES FERREIRA	297

O impacto da proposta humanista da épica cristã em Portugal MANUEL FERRO	309
Martim de Castro do Rio: outros tempos no nosso tempo MARIA DO CÉU FRAGA	327
Sá de Miranda e Camões MARCIA ARRUDA FRANCO	339
O sublime no humilde nas redondilhas de “Babel e Sião” MARIA HELENA NERY GARCEZ	353
André Falcão de Resende, tradutor de Horácio SHEILA MOURA HUE	365
Luís de Camões e Sandro Botticelli HELENA LANGROUVA	377
Momentos “heureka” camonianos arquivísticos: Camões de repente; de repente, Camões CHRISTOPHER C. LUND	391
O tema da “saudade” em Gaspar Frutuoso JOSÉ LUÍS BRANDÃO DA LUZ	403
A formação universitária de Gaspar Frutuoso. Um açoriano na Universidade de Salamanca em meados do século XVI ÁNGEL MARCOS DE DIOS	419
Reflexão metapoética de Diogo Bernardes em <i>O Lima</i> e a poética clássica JOSÉ CÂNDIDO DE OLIVEIRA MARTINS	435
<i>Et valeat tacitis scribere quisque notis</i> . A emblemática presença de Alciato nos comentários a <i>Os Lusíadas</i> de D. Marcos de S. Lourenço FILIPA MEDEIROS	461
Luís de Camões e Luís da Cruz: dois poetas, mas o mesmo amor à pátria ANTÓNIO MARIA MARTINS MELO	475
Da música no ensino e nas festividades universitárias de Coimbra no tempo de Camões MARIA DO AMPARO CARVAS MONTEIRO	485
Os poetas contemporâneos de Camões musicados no seu tempo MANUEL MORAIS	513

Fernão Rodrigues Lobo Soropita, um poeta editor da lírica de Camões MICAELA RAMON	519
O diálogo e a emblemática em convergência: o “aut prodesse [...] aut delectare” nos <i>Diálogos de Vária Doutrina Ilustrados com Emblemas</i> , de Vasco Mousinho de Quevedo MARIA TERESA NASCIMENTO	527
Camões para o futuro. Excerto de uma teoria sobre a composição d’ <i>Os Lusíadas</i> LUIZA NÓBREGA	537
“Que fez o Serenissimo & Reverendissimo Cardeal Iffante Dom Anrique”: a ação legisladora do Arcebispo e Inquisidor-Mor no tempo de Camões MILTON PEDRO DIAS PACHECO	549
Imagens judiciais na lírica de Camões LUÍS DA SILVA PEREIRA	565
“E do ventre levado à sepultura”: Job e as variações em torno do tema da miséria humana na poesia maneirista PAULO SILVA PEREIRA	581
<i>Bona Lvsitania!</i> Aspetos da celebração de Portugal em Resende e Camões VIRGÍNIA SOARES PEREIRA	597
Imagens do cativo em Alcácer-Quibir na poesia de Diogo Bernardes JOÃO AMADEU OLIVEIRA CARVALHO DA SILVA	607
O processo de composição das comédias de Sá de Miranda e o trabalho de edição das várias versões d’ <i>Os Estrangeiros</i> MARTHA FRANCISCA MALDONADO BAENA DA SILVA	615

III

Camões na literatura contemporânea

Camões na pena e na espada de Camilo JOÃO PAULO BRAGA	627
<i>Uma viagem à Índia</i> , de Gonçalo M. Tavares: a epopeia possível no século XXI ANA CRISTINA CORREIA GIL	639
À sombra de Camões: celebrações e aprendizagens ROSA MARIA B. GOULART	647

(Re)Escrever Camões: entre o prazer da memória e a exigência da técnica MARCO LIVRAMENTO	657
A receção de Camões em Joaquim de Araújo MARIA AMÉLIA FERREIRA PEIXOTO MAIA	673
Camões e a poesia de Vasco Graça Moura JOÃO MINHOTO MARQUES	687
As variações camonianas na escrita experimental de Ana Hatherly (das neoglosas verbo-voco-visuais de <i>Leonorana</i>) CARLOS PAULO MARTÍNEZ PEREIRO	697
A atualidade de Camões na obra poética de Rui Knopfli MARIA DO CARMO PINHEIRO E SILVA CARDOSO MENDES	713
D’ <i>Os Lusíadas</i> a <i>Os Caláicos</i> : o discurso da épica camoniana na literatura galega MARIA ISABEL MORÁN CABANAS	721
Camões e os trovadores românticos RICARDO NOBRE	733
Um Adamastor ambíguo, uma tuba enrouquecida: Camões na leitura de Nélide Piñon MARIA APARECIDA RIBEIRO	745
A sombra de Camões SUSANA ROSA	757
Cartografias do regresso: o intertexto camoniano em Vasco Graça Moura JOSÉ MANUEL VENTURA	763

CAMÕES E OS TROVADORES ROMÂNTICOS

Ricardo Nobre

Universidade de Lisboa – Centro de Estudos Clássicos
rnobre@campus.ul.pt

Abstract

It seems that Portuguese Romanticism had its inception in Paris, where Almeida Garrett published in 1825 his poem *Camões*. This is a possible and very symbolic date, regarding the fact that the movement had its expression in Portugal only from the mid-1830's on. Never the less, it is still surprising to see how a hero depicted in such early stage will be a theme for several poems during the decades of 40-60. This paper studies two of them, written by two of the more important poets of the century: Luís Augusto Palmeirim's "Luís de Camões" and Soares de Passos' "A Camões".

Keywords: Luís Augusto Palmeirim, Luís de Camões, Portuguese Romanticism, Soares de Passos

1. Costuma dizer-se que coincide em data, localização geográfica e circunstâncias políticas a inauguração do Romantismo nas artes portuguesas: Paris, 1824. Aí se encontram os exilados Almeida Garrett e Domingos Sequeira, perseguidos em Portugal pelas suas ideias liberais.¹ Nesse ano, em que Garrett se encontra a escrever *Camões*, poema terminado e publicado em 1825, Sequeira expõe *A Morte de Camões* no Salon (França 1999, pp. 47-53). Luís de Camões surge, assim, segundo António José Saraiva (1970, p. 13), como o "patrono do nosso romantismo". De facto, ambas as obras, na literatura e na pintura portuguesas, são consideradas as primeiras manifestações deste movimento, que a Alemanha e a Inglaterra conheciam desde o final do século XVIII.

Tendo tido início com diferentes propostas e soluções estéticas das que vigoravam na Europa, o Romantismo virá a resultar numa contemporização de diversas temáticas, ostentando novas ideias (ou perspectivas) artísticas (mas também filosóficas, políticas ou económicas), declaradamente antagónicas em relação à vigente poética neoclássica. Assim foi entendido o Romantismo em Portugal pelos teorizadores de meados do século XIX, como António Pedro Lopes de Mendonça (1855, pp. 114), Luís Augusto Rebelo da Silva (1910, p. 74) ou Manuel Pinheiro Chagas (1867, pp. 118-122).

Em vários países, um dos tópicos preferidos da literatura romântica terá que ver com o nacionalismo, pela exaltação do que é local e pitoresco, motivo por que se buscam as origens das nacionalidades na Idade Média (D'Angelo, 1998, pp. 57-58). Em Portugal, a par de alguma investigação histórica, são publicados, a partir da década

1 Sobre o exílio de Garrett, *vd.* Terra (1967-1968) e Monteiro (1971, pp. 7-30). Domingos Sequeira pintou retratos de diversos políticos liberais (*As Belas-Artes do Romantismo em Portugal*, 1999).

de 40, romances e dramas históricos que ilustram essas origens, ao mesmo tempo que educam os leitores e espectadores. Garrett expõe o seu programa pedagógico e doutrinário desde 1828, no importante prefácio da *Lírica de João Mínimo*, mas sobretudo na “Introdução” ao segundo volume do *Romanceiro*: “o meu ofício é [...] popularizar o estudo da nossa literatura primitiva, [...] mostrando [...] os tipos verdadeiros da nacionalidade [...] que em nós mesmos, não entre os modelos estrangeiros, se devem encontrar” (Garrett, 1983b, p. 49; cf. p. 54).²

Deste modo, pode dizer-se que o Romantismo soube conciliar, nas suas preferências (formais ou temáticas), a inovação com a tradição popular, nacional, na medida em que no século XIX “[o] antiquado agradou por novo, o obsoleto entrou em moda” (Garrett 1983a: 79). Não surpreende ver que em Portugal estas demonstrações de nacionalismo promovam literariamente o tratamento do tema Camões, com continuidade evidente até ao século XX (Seabra, 1986; Pereira, 2011a; 2011b).

Contudo, a tematização de Camões como “um caso exemplar da tragédia que se abateu sobre um homem, encarnando o génio desafortunado, exilado e incompreendido” (Martins, 1999, p. 100), surge já em escritores neoclássicos (ou pré-românticos), como Bocage, José Anastácio da Cunha ou Filinto Elísio; efectivamente, J. Cândido Martins (*Ibid.*) explica que, “[e]xceptuando algumas censuras esporádicas”, como as de Luís António Verney ou de José Agostinho de Macedo, “o *divino* Camões continua a afirmar-se como o símbolo maior da Língua e da Literatura portuguesas para os Arcades setecentistas”.³

Com isto, poderia parecer que a originalidade de Garrett ficava comprometida, apesar das constantes reivindicações de novidade do próprio autor,⁴ que conhecem

² A demanda pela literatura originalmente portuguesa terá outras consequências, nomeadamente na recolha de composições poéticas em forma de romance, tarefa que, antes do *Romanceiro* de Garrett – mas já na sequência de *Adosinda* ou *Bernal Francês*, cuja primeira versão Garrett publicará em 1828 –, Inácio Pizarro Morais Sarmento tinha empreendido em 1841, com *O Romanceiro Português, ou Coleção dos Romances da História Portuguesa*, no qual utiliza epígrafes exclusivamente de Camões. Sobre os romances do século XIX, v. Ferré (2001). Além disso, como é sabido, verifica-se a reabilitação de formas populares, como solaus e xácaras, do verso em redondilha e o recurso à rima dita popular. Concomitantemente, nas composições poéticas surge uma grande variedade de metros e estrofes. Isto não significa, porém, que no século XIX se tenha deixado de cultivar o soneto.

³ É preciso concordar com o crítico, atendendo ao facto de Agostinho de Macedo, já no século XIX, ainda criticar Camões: em *A Senhora Maria ou a Nova Impertinência*, de 1810, insiste na opinião que Voltaire fazia da epopeia, e em *Motim Literário, em Forma de Solilóquios* o mesmo autor prolonga estas e outras críticas. Desta querela, encontram-se ecos em 1817, com a publicação de *Poesias Várias*, obra em que Francisco Roque de Carvalho Moreira colecciona dois sonetos sobre Camões e José Agostinho de Macedo.

⁴ Teresa Sousa de Almeida (1986, pp. 23-24) informa que na 2.^a edição de *Camões*, em 1839, “[a]lgumas notas onde se reivindica o carácter romântico da obra desaparecem”.

assinalável prolongamento teórico na época.⁵ Assim, se Camões e o seu drama não estimulam a veia “romântica” dos autores portugueses, e com ele não se pode, de forma rigorosa, relacionar o início do Romantismo em Portugal – até porque os estudiosos da literatura o situam no fim da década de 30, a afirmar-se decisivamente nos primeiros anos da década de 40⁶ –, a Camões surge associada uma representação da imagem de poeta que acabará por ser aproveitada pelos autores do famigerado Ultra-Romantismo.⁷ E, com efeito, se esboçarmos uma cronologia dos poemas e pinturas⁸ sobre Camões e a sua obra no século XIX (Monteiro, 1997; 2011), verifica-se que não há continuidade imediata entre as obras de Garrett e Sequeira e a produção artística que se segue.⁹

Todavia, convém realçar, como a crítica tem feito, que não deixa de ser significativa a forma como o texto de Garrett constrói a imagem especular de um país em mudança (em 1580 e nos anos 20 do século XIX), representado por aquele que é considerado o seu maior poeta. Assim, enquanto a Nação edificava a sua democracia com a ajuda da literatura (a que não é estranho o facto de Garrett ter feito parte do grupo de obreiros que iniciou essa transformação, o que justifica o seu exílio em França, assim como o de Sequeira), aparecia outra configuração do épico português, em muitos casos um aproveitamento (temático e formal) do *Camões* garrettiano: a morte na pobreza, na solidão (apenas mitigada pelo escravo jau), a ausência de reconhecimento, à medida que a pátria se afundava na decadência. Sobre isto, ensina Jorge Borges de Macedo:

o que se salienta [em *Camões*, de Garrett], com ênfase renovada, é a sua vida, a incompreensão a que esteve sujeito, a originalidade e a solidão dos seus amores, a sua amargura e apaixonado querer, o esquecimento do que ele, realmente, foi, embora não a sua obra.

⁵ Já em 1834 Alexandre Herculano concedia a Garrett o papel de renovador da literatura nacional, na medida em que “*Dona Branca* e *Camões* apareceram um dia nas páginas da nossa história literária sem precedentes que os anunciassem” (Herculano, 1986, p. 18).

⁶ Remeto para os trabalhos de Vitorino Nemésio (1942, p. 115), de Jacinto do Prado Coelho (1965, pp. 8-9), de Alberto Ferreira ([1994], p. 32) e de António José Saraiva e Óscar Lopes (2001, p. 665).

⁷ Ou da “segunda geração romântica” (sobre o conceito de geração, *vd.* Pires, 1997). Não interessa aqui discutir esta designação, mas ambos os conceitos apresentam problemas teóricos (Machado, 1999, p. 18); *vd.* Rodrigues, 1997.

⁸ Recordem-se as pinturas de Francisco Metrass (tematizando “Camões na gruta de Macau”, 1853, mas também “Inês de Castro pressentindo os assassinos”, 1855; ambas composições pertencem à coleção do Museu Nacional de Arte Contemporânea-Museu do Chiado) e Francisco José de Resende (“Camões salvando *Os Lusíadas*”, 1867). No final do século, Columbano Bordalo Pinheiro produziu obras famosas (“Drama de Inês de Castro”, “O Velho do Restelo”, “O Concílio dos Deuses” e “Vênus em auxílio dos Navegadores Portugueses”, no Museu Militar). Além da estátua de Vítor Bastos, refriram-se ainda as obras de Francisco de Assis Rodrigues e de Manuel Maria Bordalo Pinheiro.

⁹ Essa disfasia foi já notada pelos críticos da literatura que indiquei em nota anterior; a 1825 é concedido o mérito de se tratar de uma data “simbólica” (Almeida, 1986, p. 21). A meu ver, todavia, ela apenas serve para aproximar cronologicamente o Romantismo português do dos outros países europeus.

Da junção destas exigências românticas com os transe biográficos romanceados, vai emergindo um Camões popular, com todas as condições para a sua divulgação, dentro dos gostos da época. (1986, p. 143)

Quer isto dizer que Camões desempenhará, neste processo de valorização da língua e da literatura portuguesas, um papel de relevo, uma vez que, na senda da tradição de séculos anteriores, ele acaba por representar o génio original e nacional da nossa história e das nossas letras, acompanhando igualmente uma renovação na forma de entender a prática literária. Anos mais tarde, o próprio Almeida Garrett avisa que “[j]oda a Europa lê *Os Lusíadas*” não pelas “formas virgilianas do poema”, mas “pelo que ali há de poesia original, própria, primitiva” (Garrett 1983a, p. 53).¹⁰

Ora, o tratamento do tema Camões ganha maior expressão a partir da década de 40, e conhece especial impacto nos anos 50, para depois regressar nos anos 60, coincidindo com o plano de erigir uma estátua que celebrasse o poeta. E, na verdade, cumprindo a tradição de engrandecer efemérides em poemas de circunstância,¹¹ a poesia “ultra-romântica” soube aproveitar a ocasião para homenagear o poeta celebrado – mas, note-se, não o escultor ou a sua obra.¹² Além disso, a inauguração da estátua de Camões marca uma nova etapa, se assim se pode dizer, na tematização lírica do poeta quinhentista. E, de facto, é preciso distinguir poemas sobre Camões entre 1825, quando começa a mitificação romântica do poeta, e 1867, ano da inauguração da estátua,¹³ sendo feita a justiça que tardou tantos anos. Aqueles são poemas que lamentam não haver monumento que o celebre (há os que, na sequência de Garrett, se lastimam dessa ausência e os poemas que encaram a questão ao inverso: a obra já é monumento que chegue, valorizando o património imaterial¹⁴).

Não será por acaso que Todorov (1979, p. 13) entende que, na história das ideias, interessa menos a “primeira formulação” do que “apreendê-las no momento da sua recepção”.

¹⁰ Sobre a fama de Camões nos países europeus, ver, s.v., no *Dicionário do Romantismo Literário Português*, coord. H. C. Buescu (Lisboa: Caminho, 1997) verbetes de M. C. Carrington, M. F. Abreu, M. L. Machado de Sousa, J. da Costa Miranda (Camões na literatura romântica alemã, francesa, inglesa e italiana, respectivamente). Sobre as traduções d’*Os Lusíadas*, Almeida Garrett refere-as exaustivamente na nota D. do canto VII de *Camões* (ed. de Teresa Sousa de Almeida, 1986, pp. 223-231).

¹¹ São inúmeros os poemas sobre acontecimentos mais ou menos relevantes, como desastres, inaugurações, mortes, convívios sociais, de que são emblema os álbuns ou os benefícios, boas-vindas e despedidas, dedicados a amigos, familiares, outros poetas ou ao monarca. Ao criarem uma linguagem estereotipada, tais poemas acabam por se constituir como verdadeiros clichés.

¹² De facto, dos poemas que compulsei, não há nenhum que seja sobre a estátua propriamente dita (écfrase), tematizando apenas o que simboliza a representação monumental do poeta.

¹³ A primeira pedra é lançada a 28 de Junho de 1862, e cinco anos depois o monumento encontra-se concluído, sendo inaugurado a 9 de Outubro de 1867.

¹⁴ No primeiro caso encontra-se, e.g., Gomes de Amorim (“O Jau”, *Cantos Matutinos*), no segundo Soares de Passos (*vd. infra*). Em 1853, Maria Rita Chiappe Cadet escreve: “Nem ao menos um jazigo /

Irei agora dar demorada atenção a dois exemplos significativos, pela fama que conheceram na sua época e, especialmente num caso, de assinalável interesse literário.

2. Como é sabido, muita da poesia romântica vinha a lume em revistas e jornais a ela dedicados; esses periódicos eram não raras vezes usados por jovens poetas (em diversos casos, durante os anos em que cursavam o ensino superior) para se projectarem no meio literário. Com efeito, tanto “Luís de Camões”, de Luís Augusto Palmeirim, como “A Camões”, de António Augusto Soares de Passos, foram originalmente publicados em revistas literárias deste tipo. Palmeirim “deveu o seu primeiro triunfo poético” a esta composição (Palmeirim 1866, p. 292), publicada no número 21 d’*O Trovador: Coleção de Poesias Contemporâneas*,¹⁵ em Coimbra, e pouco depois no n.º 41 (vol. VII, série IV) da *Revista Universal Lisbonense* (14 de Setembro de 1848, pp. 486-487). Trata-se, por isso, de um dos exemplos mais antigos dos poemas dedicados ao épico, depois do de Garrett. “A Camões” foi publicado no Porto, em 1854, incluído na segunda parte d’*O Bardo: jornal de poesias inéditas* (que vinha a ser editado desde 1852).

De notar, pois, que, apesar de eu apenas ir considerar as últimas versões revistas pelos respectivos autores, a 4.ª das *Poesias*, de Luís Augusto Palmeirim (1866), e a 2.ª das *Poesias*, de Soares de Passos (1858), ambos os poemas a que agora farei menção foram redigidos e publicados originalmente antes do lançamento da primeira pedra do monumento de Vítor Bastos, em 1862.

2.1. O poema de Palmeirim ostenta uma epígrafe de Camões, retirada d’*Os Lusíadas* (10.9.5-8):

Os desgostos me vão levando ao rio
Do negro esquecimento, o eterno sono:
Mas, tu me dá que cumpra, ó grão rainha
Das musas, coo que quero à nação minha!

Em forma de prece, o sujeito pede à “grão rainha / Das musas” que o deixe cumprir a missão a que se propôs. A morte é referida como esquecimento, mas a súplica é uma proposta de imortalidade, não do sujeito, mas da pátria: o poema de Palmeirim desenvolve-se precisamente em torno deste tópico, o tempo, e da importância da memória, que assume assim um papel axial em torno do qual se tematiza a poesia

Deu a pátria ao seu cantor! / [...] Onde existe um monumento / Que revele esse portento / Às modernas gerações? / [...] Só o poema inspirado / Guarda o nome de CAMÕES!” (Cadet, 1870, p. 261).

¹⁵ A “folha” foi publicada de 1844 a 1848, e, como costume, seria reeditada em volume logo nesse ano (Coimbra: Imprensa de E. Trovão); a 2.ª edição, corrigida, é de 1853 (Leiria: Tipografia Leiriense).

enquanto profissão literária, ao serviço da representação da grandeza da pátria. É essa a missão a que *Os Lusíadas* dão resposta.¹⁶

O poema põe em confronto o passado com o presente, com clara desvantagem para este. No entanto, a partir do verso 49, o passado surge presentificado, como se não tivesse terminado. Esta estratégia – alicerçada no uso insistente do presente histórico e na insinuação visual, conferida pela hipotipose, é igualmente sugestiva desse presente perene – recorda a presença de Camões na actualidade: as suas acções, nomeadamente o legado d'*Os Lusíadas*, actuam como monumento, ou seja, são o testemunho da sua permanência para o futuro.¹⁷

Referido como poeta, soldado, trovador, cantor, génio, cisne, profeta, ou seja, nas diversas facetas da sua biografia, Camões surge como uma personagem marcada pelo destino, como os heróis das epopeias tradicionais¹⁸ (“A sorte fê-lo poeta”, v. 25); além disso, ele próprio traçou o destino da nação (vv. 27-32):

O mundo fê-lo profeta
Do destino português!
Poeta da desventura,
Previu a morte futura;
Escreveu com mão segura
A profecia que fez!

A superioridade de Camões em relação ao presente e aos poetas a que por definição se associam as maiores qualidades literárias, dentro dos géneros cultivados pelo poeta nacional, ganha relevo no poema de Palmeirim à medida que este se desenvolve, por acumulação de elementos – feita não continuamente, mas de modo pontual (o que torna essa característica mais evidente pela lentidão com que as referências se vão acumulando). Assim, são evocados, em diferentes momentos do poema, Dante (vv. 7-8: “Tinha mais alma que o Dante, / Cantava com mais amor!”), Tasso (vv. 11-12: “Que nem os cantos de Tasso / Sonharam maior paixão!”), Petrarca (vv. 19-20: “Nascera

¹⁶ Sem dúvida que *Os Lusíadas* são a obra de Camões mais celebrada, a que não é alheio o facto de o poema ser representativo de uma atitude de celebração nacional sem paralelo na poesia lírica. Tal assunção não impede que o episódio mais evocado pelos românticos seja o de Inês de Castro, episódio que se tematiza entre a História e a literatura. Garrett, em nota ao poema *Camões*, dá conta dessa moda, com uma lista de obras que tratam sobre o tema.

¹⁷ Não será demais recordar aqui a tradição horaciana da obra enquanto monumento mais perene do que o bronze. Igualmente importante parece ser a relação etimológica que *monumentum* mantém com *monere*: o monumento é aquilo que faz pensar, que evoca o passado (Ernout-Meillet, 2001, s.v. *monere*).

¹⁸ A presença do destino é também evidente em “A Camões”, no qual Soares de Passos desenvolve o tema da imortalidade, capacidade de ultrapassar as leis da morte. Aliás, o vocabulário usado por Palmeirim e Soares de Passos é bem significativo dessa preocupação: imortalidade e eternidade são constantemente semantizadas.

como Petrarca, / Já fadado para amar!”), Ariosto (vv. 38-39: “Mais poeta que Ariosto / Que belezas nos legou!”) e Ovídio¹⁹ (vv. 49-50: “Como Ovídio desterrado / Tristezas canta também”).

No poema de Soares de Passos, a excepcionalidade de Camões manifesta-se igualmente pelo facto de ele ser um Poeta, ou seja, um vate predestinado, acima dos outros homens, próximo do tópico horaciano de elevação acima do vulgo profano, mas também acima de outros autores consagrados nas literaturas estrangeiras, incluindo as clássicas. São de novo referidos Ovídio e Tasso, mas também Homero; cito a partir do v. 85:

Homero, Ovídio, Tasso, estranhos cisnes,
Vós que sorvestes do infortúnio a taça,
Vinde depor as c'roas da desgraça
Aos pés do cisne luso!

Esta apoteose de Camões é uma reivindicação da superioridade da poesia nacional, pelo contraste entre “estranhos cisnes” e “cisne luso”. A propósito destes autores, recorde-se que Homero representa a epopeia e Ovídio sugere a imagem do poeta exilado, compondo sentidas elegias. Lembre-se ainda que Tasso, autor da *Jerusalém Libertada*, epopeia de tema histórico ficcionado, foi internado num manicómio, motivo que se relaciona com o do abandono no hospital, onde Camões acabaria por morrer. Palmeirim e Soares de Passos consideram, assim, que o destino dos grandes poetas é morrer incompreendidos por um presente corrupto.

2.2. Apesar da aproximação que tenho vindo a fazer, Borges de Macedo (1986, p. 147) sustenta que só em aparência “esta interpretação [de Soares de Passos] po[de] parecer semelhante à romântica”, como a de Palmeirim, uma vez que em Passos ela “atinge uma dimensão muito mais ampla, ao modo de Poe ou Baudelaire, numa forte manifestação existencial”. Assim sendo, “Camões aparece-nos como o representante da natureza integral do sacrifício, revela a necessidade salvadora das «almas em fogo» – os poetas – para que algo de autêntico floresça no homem.”

O mesmo ensaísta realça que “estas interpretações não se excluem, sobrepõem-se e encadeiam-se num progressivo enriquecimento que vai recolhendo e alongando o conteúdo profundo do pensamento camoniano.” Como o homem não sobrevive sem memória, a sua preservação é também relevante em Soares de Passos,

¹⁹ A estrofe que se inicia no v. 49 de “Luís de Camões” é uma reescrita da versão publicada n’*O Trovador*: elimina-se a presença do escravo jau, que mitiga o sofrimento do herói, ao mesmo tempo que se aumenta a referência a Ovídio: note-se, porém, que, em relação a Petrarca e Ovídio, Camões não é um superior, é um igual.

aliando-se o poema à tradição garrettiana, pela citação textual no verso aqui entre aspas (vv. 121-128):

Assim, da pátria que baixava à tumba,
Em cantos imortais salvando a pátria,
E entregando-a dos tempos à memória,
Como em gigante pedestal segura:
“Pátria querida, morreremos juntos!”
Murmurou em acento funerário,
E envolvido da pátria no sudário
Baixou à sepultura.

Tal como os amantes do célebre “Noivado do Sepulcro”, surge aqui o elemento funéreo, relacionado com Camões e a Pátria, identificando-se, como em Garrett e em diversos poetas que trataram do mesmo tema, um com o outro. E ambos simbolizam a liberdade, pelo que a morte de um é a morte de outro; quanto à falta de monumento, tão lamentada por outros poemas da época, lemos do v. 129 em diante:

Quebrando a lousa do feral jazigo,
Portugal ressurgiu, vingando a afronta,
E inda hoje ao mundo sua glória aponta
Dos cantos de Camões no eterno brado;
Mas do vate imortal as frias cinzas
Esquecidas deixou na sepultura,
E o estrangeiro que passa, em vão procura
Seu túmulo ignorado.

O que resta, pois, do génio maior? Nem túmulo nem monumento (vv. 137-144):

Nenhuma pedra ou inscrição ligeira
Recorda o grã cantor... porém calemos!
Silêncio! do imortal não profanemos
Com tributos mortais a alta memória.
Camões, grande Camões, foste poeta!
Eu sei que tua sombra nos perdoa:
Que valem mausoléus ante a coroa?
De tua eterna glória?

O culto de um verdadeiro poeta não carece de estátuas (também neste aspecto o poema de Passos é diferente dos seus contemporâneos). Resta a obra divina, que o vulgo não deve profanar. Estamos diante de um ideal já finissecular: a poesia, em Soares de Passos, o mais importante poeta ultra-romântico português, é, tal como para Eugénio de Castro, uma religião “para os raros apenas”.

3. Anos depois de estes poemas serem publicados, estando já a estátua erguida, será ainda no decorrer da década de 60 que se dá a polémica sobre o lugar de *Os Lusíadas* nos currículos da instrução pública. Na longa “Conversação Preambular” que prefacia *D. Jaime*, António Feliciano de Castilho, hiperbolizando as qualidades do poema de Tomás Ribeiro, eleva-o acima da épica camoniana, tendo mais mérito didáctico do que a epopeia quinhentista. Suscita deste modo reacções dos protagonistas da futura Questão Coimbrã, desencadeada por um outro paratexto de Castilho (no caso, pos-fácio), ao *Poema da Mocidade*, de Manuel Pinheiro Chagas, um dos mais interessantes críticos literários do nosso Romantismo. Ofélia Paiva Monteiro (1997, p. 75; 2011, p. 182) reconheceu naquele episódio a presença de Camões também no início do fim do Romantismo, pelo menos enquanto escola dominante, que se desenvolvia principalmente em torno das figuras de Castilho, Herculano (ainda vivo), ou do já falecido Almeida Garrett, para vir a assumir um carácter cosmopolita e universal com Antero de Quental.

Finalmente, em 1880, ainda com a “segunda” e a “terceira” gerações românticas em co-habitação (Hess, 1999, pp. 21-49), Camões volta a entrar na moda: comemorava-se nesse ano o tricentenário. Teófilo Braga (1880, p. 519) entende que a efeméride seria “na história da nacionalidade portuguesa o marco de uma nova era”. Foi o ano d’“O Sentimento dum Ocidental” (Morão 2004); faltavam dez anos para se conhecerem os *Oaristos*, de Eugénio de Castro,²⁰ ou o *Só*, de António Nobre (1.^a ed., 1892). Foi ainda o início do fim da Monarquia Constitucional (Macedo, 1986). Teófilo Braga estava certo.

Referências

- Almeida, Teresa Sousa de (1986). Apresentação Crítica. In: *Camões de Almeida Garrett*. Lisboa: Comunicação, pp. 9-38.
- Amorim, Francisco Gomes de (1866 [1858]). *Versos. Livro I: Cantos Matutinos*, 2.^a ed. Lisboa: Tip. da Sociedade Tipográfica Franco-Portuguesa.
- As Belas-Artes do Romantismo em Portugal* (1999). Catálogo da Exposição organizada e apresentada no Museu Soares dos Reis, no âmbito das comemorações do II Centenário de Almeida Garrett. S./l.: Instituto Português dos Museus.
- Braga, Teófilo (1984 [1880]). *História do Romantismo em Portugal*, ed. fac-similada. Lisboa: Ulmeiro.
- Cadet, Maria Rita Chiappe (1870). *Versos*. Lisboa: Tip. de Castro Irmão.
- Camões de Almeida Garrett* (1986), ed. de Teresa Sousa de Almeida. Lisboa: Editorial Comunicação.
- Chagas, M. Pinheiro (1867). *Novos Ensaios Críticos*. Porto: Viúva Moré.
- Coelho, Jacinto do Prado (1965). *Poetas do Romantismo*, vol. I. Lisboa: Livraria Clássica Editora.
- D’Angelo, Paolo (1998). *A Estética do Romantismo*, tradução de Isabel Teresa Santos. Lisboa: Estampa.

²⁰ As *Horas*, cujo prefácio tem um interesse indiscutível na poética simbolista, data de 1891.

- Ernout, Alfred & Meillet, Antoine (2001). *Dictionnaire étymologique de la langue latine: histoire des mots*, reimpr. 4.ª ed. Paris: Klincksieck (4.ª ed. 1959, revista em 1985).
- Ferré, Pere (2001). Romanceliro. I – Em Portugal. *Biblos: Enciclopédia Verbo das literaturas de língua portuguesa*, vol. 4. Lisboa: Editorial Verbo, cols. 947-956 e 959-961.
- Ferreira, Alberto [1994]. *Perspectiva do Romantismo Português*, 4.ª ed. Lisboa: Litexa.
- França, José-Augusto (1999 [1974]). *O Romantismo em Portugal: Estudo de Factos Socioculturais*, tradução de Francisco Bronze, 3.ª ed. Lisboa: Horizonte.
- Garrett, Almeida (1983a). *Romanceliro*, ed. Luís Augusto Costa Dias e Maria Helena da Costa Dias, 1.º vol. Lisboa: Estampa.
- Garrett, Almeida (1983b). *Romanceliro*, ed. Luís Augusto Costa Dias e Maria Helena da Costa Dias, 2.º vol. Lisboa: Estampa.
- Herculano, Alexandre (1986). Qual é o Estado da Nossa Literatura? Qual é o Trilho que ela Tem a Seguir? (1834). *Opúsculos*, ed. José Custódio e José Manuel Garcia, vol. V. Lisboa: Presença, pp. 17-23.
- Hess, Rainer (1999). *Os Inícios da Lírica Moderna em Portugal (1865-1890)*, tradução de Maria António Hörster e Renato Correia. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Macedo, Jorge Borges de (1986). Camões em Portugal no Século XIX. *Revista da Universidade de Coimbra* 33: 139-180.
- Machado, Álvaro Manuel (1999). Estudo Introdutório. In: *O Trovador. O Novo Trovador. Edição segundo as primeiras edições (1848/1856)*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, pp. 7-27.
- Martins, J. Cândido (1999). *Para uma Leitura da Poesia de Bocage*. Lisboa: Presença.
- Mendonça, A. P. Lopes de (1855). *Memórias de Literatura Contemporânea*. Lisboa: Tip. do Panorama.
- Monteiro, Ofélia M. C. Paiva Monteiro (1971). *A Formação de Almeida Garrett: experiência e criação*, vol. II. Coimbra: Centro de Estudos Românicos.
- Monteiro, Ofélia Paiva (1986). Camões no Romantismo. *Revista da Universidade de Coimbra*, 33: 119-137.
- Monteiro, Ofélia Paiva (1997). Camões (na Literatura Romântica Portuguesa). In: Helena Carvalhão Buescu (Coord.), *Dicionário do Romantismo Literário Português*. Lisboa: Caminho, pp. 72-76.
- Monteiro, Ofélia Paiva (2011). Camões e o Romantismo Português. In: Vítor Aguiar e Silva (Coord.), *Dicionário de Luís de Camões*. Lisboa: Caminho, pp. 167-172.
- Morão, Paula (2004). Ecos de Camões em Cesário Verde e em António Nobre. *Retratos com Sombra: António Nobre e os Seus Contemporâneos*. Porto: Caixotim, pp. 29-37.
- Nemésio, Vitorino (1942). A Segunda Geração Romântica. In: Albino Forjaz de Sampaio (Dir.), *História da Literatura Portuguesa Ilustrada dos Séculos XIX e XX*. Lisboa: Bertrand, pp. 115-127.
- Palmeirim, Luís Augusto (1864). *Poesias*, 4.ª ed. Lisboa: Tip. do Panorama.
- Passos, António Augusto Soares de (1858). *Poesias*, 2.ª ed. Porto: Cruz Coutinho.
- Pereira, José Carlos Seabra (2011a). Camões e o neorromantismo. In: Vítor Aguiar e Silva (Coord.), *Dicionário de Luís de Camões*. Lisboa: Caminho, pp. 167-172.
- Pereira, José Carlos Seabra (2011b). Camões e o(s) modernismo(s) em Portugal. In: Vítor Aguiar e Silva (Coord.), *Dicionário de Luís de Camões*. Lisboa: Caminho, pp. 147-153.
- Pires, António Machado (1997). Geração. *Biblos: Enciclopédia Verbo das literaturas de língua portuguesa*, vol. 2. Lisboa: Editorial Verbo, cols. 814-817.
- Rodrigues, Ernesto (1997). Ultra-romantismo. In: Helena Carvalhão Buescu (Coord.), *Dicionário do Romantismo Literário Português*. Lisboa: Caminho, pp. 563-566.

- Saraiva, António José (1970). Introdução. In: Almeida Garrett, *Camões e Dona Branca*. Lisboa: Livraria Clássica Editora, pp. 5-18.
- Saraiva, António José & Lopes, Óscar (2001). *História da Literatura Portuguesa*, 17.ª ed. Porto: Porto Editora.
- Seabra, José Augusto (1986). Camões e as Gerações Poéticas do Século XX. *Revista da Universidade de Coimbra* 33: 181-196.
- Silva, Luís Augusto Rebelo da (1910 [1856]). *Apreciações Literárias*, vol. II. Lisboa: Empresa da História de Portugal.
- Terra, José F. da Silva (1967-1968). Les exils de Garrett en France. *Bulletin des Études Portugaises* 38-39: 163-211.
- Todorov, Tzvetan (1979). *Teorias do Símbolo*, trad. de Maria de Santa Cruz. Lisboa: Edições 70.